

V ENCONTRO AMAZÔNICO SOBRE MULHERES E
GÊNEROS – GEPEM
19 a 21 de novembro de 2019
Universidade Federal do Pará (UFPA)

AT6: GÊNEROS, CORPOS E SEXUALIDADES

**ARCO-ÍRIS EM PROSA: REPRESENTAÇÕES DAS
HOMOSSEXUALIDADES E DE TRAVESTIS EM
REPORTAGENS DOS PERIÓDICOS DA DÉCADA DE
1970.**

Alana Albuquerque de Castro
Universidade Federal do Pará -
UFPA

ARCO-ÍRIS EM PROSA: Representações das homossexualidades e de travestis na Ditadura Civil-Militar em reportagens dos periódicos da década de 1970.

Alana Albuquerque de Castro

Mestranda em História Social da Amazônia – UFPA

RESUMO

A Ditadura Civil-Militar, marcou um turbilhão de mudanças políticas, mas também artísticas, culturais e sociais. Durante esse mesmo período, mais precisamente na década de 1970, as homossexualidades e as travestis, ganhavam grande destaque não só no Brasil, como no mundo, o movimento gay power e a Revolução Sexual traziam à tona uma geração cansada de se esconder e de negar os seus desejos. O presente trabalho propõe através de uma análise dos periódicos paraenses *A Província do Pará*, *Folha Vespertina* e *O Liberal* analisar a abordagem e o discurso contido em algumas reportagens desses jornais, na década de 1970 sobre a homossexualidade feminina, masculina e as travestis, a maneira que o mesmo observava essas questões e a forma que eles perpetuavam essa informação ao leitor, não deixando de relacionar com o período da Ditadura Civil-Militar em questão.

Palavras-Chave: Sexualidade. Mídia impressa. Ditadura. Representações. Década de 1970.

ABSTRACT

The Civil-Military Dictatorship marked a whirlwind of political, but also artistic, cultural and social changes. During this same period, more precisely in the 1970s, as homosexualities and transvestites, they gained prominence not only in Brazil, but in the world, the gay power movement and the Sexual Revolution brought to light a generation that could be hidden and denied its own wishes. The present work through an analysis of the Pará periodicals *The Province of Pará*, *Folha Vespertina* and *O Liberal* analyzes an approach and the discourse contained in some reports of these newspapers, in the 1970s, about female, male homosexuality and as transvestites. the same way to observe these questions and the way they perpetuate this information to the reader, while being related to the period of the Civil-Military edition in question.

Keywords: Sexuality. Print. Dictatorship. Representations. 1970s.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Os estudos sobre as homossexualidades e sobre as travestis na Ditadura confronta um modelo de sociedade da época, que visava tudo recorrente do binarismo e tratando a questão biológica como a única tangível nos moldes de um regime que se baseava na moralidade e na aversão a tudo que fosse tido como “fora do padrão”¹. Partindo do pressuposto, de uma época marcada por uma repressão, pela censura dos meios de comunicação e pelo alinhamento dos principais jornais da imprensa oficial com o governo², meu trabalho busca entender de que maneira as homossexualidades e as travestis eram representadas nesse período da década de 1970 nos periódicos e dessa forma entender a relação desses discursos com o período em questão. Visto que era um período de Ditadura, e suas publicações estariam alinhadas as relações de poder do governo e pelos interesses do mesmo.

Em meio a esse período turbulento da nossa História, surge a *Revolução Sexual*, que segundo Mary Del Priore (2011)³, eclodiu no mundo todo, ocasionando uma geração pronta para quebrar todas as regras impostas pela sociedade em busca de se auto-afirmarem e de agir da maneira que achassem que era mais conveniente para si. Era um momento de descobertas e de uma luta pela liberdade de ser quem quisessem ser. Por outro lado, existia uma Ditadura pronta para inviabilizar qualquer comportamento visto como “impróprio”. E o surgimento da Revolução Sexual reflete no surgimento do movimento Gay Power, que surgiu nos E.U.A e logo foi crescendo no Brasil.

¹ Queer é tudo isso: é estranho, raro, esquisito. Queer é, também, o sujeito da sexualidade desviante- homossexuais, bissexuais, transexuais, travestis, drags. É o excêntrico que não deseja ser integrado e muito menos tolerado. Queer é um jeito de pensar e de ser que não aspira ao centro e nem o quer como referências; um jeito de pensar que desafia as normas regulatórias da sociedade, que assume o desconforto da ambiguidade, do entre lugares, do indecível. Queer é um corpo estranho que incomoda perturba, provoca e fascina. - LOURO, Guacira Lopes. – **“O corpo estranho. Ensaios sobre sexualidade e teoria queer”**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

² Os veículos de comunicação da imprensa de Belém, mais expressivos na época, Folha do Norte, A Província do Pará e O Liberal, que mesmo defendendo interesses aparentemente tão diversos no plano local, refletiam uma certa unidade editorial em relação ao plano federal, a partir da opinião de seus articulistas e redatores responsáveis pela edição das páginas que tratavam do noticiário político nacional. Ora mais, ora menos, ora ostensivamente, ora disfarçadamente, a imprensa em geral clamava pelo golpe. - FERREIRA, Paulo Roberto – **“A Imprensa e o Golpe Militar de 1964”**. Belém, 2007, p. 3.

³ DEL PRIORE, Mary. **Histórias íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil**. São Paulo: Planeta, 2011, 254p.

Em contrapartida a esses movimentos em prol da liberdade sexual que cresciam, havia uma Ditadura, contrária a qualquer manifestação que fosse de contra ao seu discurso de “moral” e “bons costumes”. O AI-5, instaurado em 1969, reconfigurando o departamento de censura e propaganda. As censuras se concentravam em concepções que, supostamente, agredissem o padrão moral da nação brasileira e, também, em políticas de esquerda que eram consideradas subversivas. Jornais, novelas, canções e filmes estavam submetidos ao comitê de censura (FICO, 2004, p. 265-270)⁴.

O Jornal é um forte meio de comunicação, responsável por trazer ao leitor informações que de alguma maneira lhe serão úteis. A discussão jornalística, trará ao leitor um entendimento da percepção que os periódicos selecionados tinham sobre as homossexualidades e as travestis, visando assim uma sobre a perspectiva dos periódicos e sobre a opinião que os mesmos pretendiam desencadear na sociedade da época, através de uma análise pertinente sobre a posição do jornal refletindo em suas notícias. Assim como afirma Roger Chartier (2002)⁵, as representações no mundo social, embora queiram apresentar um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas de acordo com os interesses dos grupos que as constroem. Portanto, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza.

“A AGRESSÃO SUFOCADA”: A Repressão ao “Arco-Íris”.

1.1 “CRIME CONTRA A NATUREZA”: A homossexualidade masculina e a repressão.

Após o Ato Institucional número 5, a repressão se intensificou inaugurando assim os chamados “anos de chumbo”. Em 2014, A Comissão Nacional da Verdade, esclareceu os ocorridos desde 1968 e também investigou as graves violações de direitos humanos cometidas entre 18 de setembro de 1946 e 5 de outubro de 1988 por agentes públicos e pessoas a seu serviço, com apoio ou no interesse do Estado Brasileiro. James N. Green (2014, p. 5)⁶, afirmou na Comissão Nacional da Verdade, que uniu militantes, presidentes dos movimentos LGBT’S e Secretarias da Cultura e da Justiça, que os anos em que se instaurou a Ditadura foram anos de grandes

⁴ FICO, Carlos. **“A pluralidade da censura das propagandas da ditadura”**. In: REIS, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá (Org.). O golpe e a ditadura militar: 40 anos depois (1964-2004). São Paulo: Editora Edusc, 2004. P. 265-270.

⁵ CHARTIER, Roger. **“História Intelectual e História das Mentalidades: Uma Dupla Reavaliação”**. In: A História Cultural: Entre Práticas e Representações. São Paulo: Difel, 2002.

⁶ Relatório - Tomo I - Parte II – **“Ditadura e Homossexualidades: Iniciativas da Comissão da Verdade do Estado de São Paulo”** - “Rubens Paiva”. P. 2- 5

repercussões para o público LGBT, nas publicações que circulavam em 1968, já notava-se um espaço para uma articulação política, havia no Brasil a tentativa de articular novas ideias sobre sexualidade, sobre gênero mas, em 1968, com o Ato Institucional nº 5, isso acaba e os homossexuais começam a ser severamente perseguidos pelos Militares, por infringirem a “tradicional família brasileira” e a “moral e os bons costumes”.

Benjamin Cowan (2014, p. 2), outro membro da Comissão da Verdade, apresentou sua pesquisa sobre o discurso homofóbico da ditadura, fazendo uma análise de documentos dos militares e seus discursos na época. Com isso, notou que a visão da homossexualidade como ameaça e a subversão política, foi um dos conceitos básicos que servia de suporte para a ideologia da Ditadura cometer vários tipos de repressão, especificamente contra gays, lésbicas e as travestis, entre as décadas de 1960 e 1970.

Como podemos observar, a homossexualidade sofreu com a repressão da Ditadura, e para esse grupo identitário não era apenas uma questão de política ou apenas uma liberdade de ouvir a música que queriam, ir ao teatro ver a peça que queriam ou ler os livros que queriam, era uma liberdade de poder ser quem eles eram, de amar quem queriam, de se vestir da forma que queriam. A Ditadura, negava a eles a sua personalidade.

Em História da sexualidade 2: o uso dos prazeres, livro de 1988 de Michel Foucault, ele aborda como essa repressão a homossexualidade começou e fala também de questões sobre a sexualidade de cada indivíduo e sobre como a sociedade lidava com a mesma em diversas épocas, ele diz que embora os homossexuais tenham sofrido diversas repressões, desde quando a sodomia era o questionamento principal, no século XIX, a homossexualidade torna-se um personagem: um passado, uma história, uma infância, um caráter, uma forma de vida; também é morfologia, com uma anatomia indiscreta e, talvez, uma fisiologia misteriosa.

Foucault (1988)⁷, não aceita a forma com que a sexualidade é censurada e malvista pelo sistema. Ele acredita que a sociedade capitalista liga o prazer ao poder. E ele continua destacando que na Idade Clássica (XVII) e na Idade Antiga, o sexo não era visto como irregular e não possuía uma moral unificada, imposta à todos da mesma maneira, como é o caso das mulheres – exceto pelas cortesãs – que não possuíam toda essa liberdade. O mesmo, diz que a sexualidade começou a ser regrada depois que o capitalismo burguês juntamente com o cristianismo a tornou pagã pela sua moralidade,

⁷ FOUCAULT, Michael. In: **A História da Sexualidade**, V2. 1ª ed. São Paulo/SP. Graal, 2010.

com o discurso de “Vigiar e Punir”, com o intuito de definir o que devia ser permitido e o que devia ser proibido, e que se acaso não possuíssemos controle sobre a sexualidade, estaríamos condenados a adultérios, à homossexualidade e a falta de castidade. Depois, esse modelo acabou sendo substituído, pelo controle capitalista e pela “polícia do sexo”, decidindo o que devia e o que não devia ser dito sobre sexualidade, tanto pela mídia, quanto pelos demais meios de conhecimento. Trazendo assim, controles pedagógicos e tratamentos médicos em torno de qualquer coisa sexual que fosse considerada “imprópria”, os moralistas e os médicos trouxeram a abominação. Tornou-se um controle de população, não se pretendia apenas uma sociedade sexualmente relevante economicamente, mas que a mesma estivesse ligada à política conservadora. Contudo, embora a homossexualidade tenha sido condicionada pela moralidade, ela não deixou de existir, não deixava de ser presente, ainda que fosse escondida.

Esse pensamento ligado a moralidade descrito por Foucault, aparece não apenas nos discursos da Ditadura, mas reflete também nos periódicos que a apoiavam. Trataremos agora das reportagens que mostravam essa repressão simbólica, de forma velada ou não. O intuito é trazer algumas reportagens que corroborem com essa repressão, com a finalidade de entender como esses grupos identitários eram retratados nos periódicos.

A reportagem intitulada: “Crime Contra a Natureza” que está localizada no fim da página do jornal, foi selecionada por deixar bastante evidente a insatisfação do jornal sobre uma posição tomada pela senhora Rita E. Hauser, representante americana na Comissão de Direitos Humanos, em uma conferência sobre “A libertação da mulher e a Constituição”, onde a mesma afirmou que não havia meio maior de alcançar essa liberdade senão sendo pelo casamento de pessoas do mesmo sexo. Opinião esta que gerou o descontentamento do Jornal em questão, como o próprio título deixa evidente, tratando como “crime” como forma de fazer com que o leitor compartilhasse da mesma opinião ao ler a matéria, pois os mesmos acharam a declaração da Advogada um insulto a moral, a família e usaram termos como: “ homossexualidade é igual a prostituição”, “é um atentado a família” e “A homossexualidade é aberração da própria natureza”. Como se não bastasse esses termos ofensivos, ainda disseram que o normal era a união entre homem e mulher, pois visava a reprodução e que sair disso é uma degradação e afirmar juridicamente como fez a advogada americana, é rebaixar o homem a nível inferior ao dos animais e que o homossexualismo deve ser considerado um crime contra a natureza.

“A homossexualidade é como prostituição. Esta, embora proibida pelo atentado que representa à família, é tolerada, sendo mesmo

denominada de “a profissão mais velha do mundo”. E que atende as necessidades fisiológicas dos homens não casados. Mas se enquadra no comércio dos sexos, dentro das leis naturais da fisiologia. A homossexualidade, ao contrário, aberrava da própria natureza e por isso sempre foi condenada pelos códigos. (ANDRADE, Theophilo de. Crime Contra a Natureza. **A Província do Pará**, Belém/PA, 28 agost. 1970. Caderno 3, p. 5 – Biblioteca Pública Arthur Viana. CENTUR. Belém/PA.)” “Esta (união entre homem e mulher), foi criada pela natureza como um engôdo, visando a reprodução, engôdo que o homem na marcha ascensional do espírito, sublimou no amor. Sair disto é uma degradação e chegar ao ponto de defender juridicamente, casamento entre pessoas do mesmo sexo, como acaba de fazer aquela advogada, é querer rebaixar o homem a nível inferior ao dos animais. E o homossexualismo é considerado um crime contra a natureza. (ANDRADE, Theophilo de. Crime Contra a Natureza. **A Província do Pará**, Belém/PA, 28 agost. 1970. Caderno 3, p. 5 – Biblioteca Pública Arthur Viana. CENTUR. Belém/PA.)”

Como podemos perceber, no discurso hostil do Jornal, a homossexualidade era vista como um crime contra a natureza, como a própria reportagem se intitula, deixando bem explícito para o leitor que se trataria de algo que deveria ser “desprezado” pela sociedade e o Jornal não se poupou em nenhum momento, em tratar a homossexualidade com rispidez. Nota-se que o uso de termos que pudessem menosprezar a homossexualidade aos olhos dos leitores é bem explícito, mas pela ótica do jornal, era apenas uma defesa a “família tradicional” e aos “bons costumes”. Vemos claramente nesta reportagem o poder da representação, e como ela pode fomentar ideais. A reportagem deixa evidente assim que o discurso do jornal, compartilhava tanto da moralidade cristã, quanto da moralidade capitalista, pelos termos presentes no vocabulário do jornal, além de compartilhar do discurso conservador e capitalista do governo da época, pois os termos usados são os mesmos que frequentemente eram usados por slogans do governo e até nos discursos contidos no AI-5, como veremos a seguir.

DECRETA: Art. 1º Não serão toleradas as publicações e exteriorizações contrárias à moral e aos bons costumes quaisquer que sejam os meios de comunicação. (Trecho retirado do Ato Institucional número 5, de 1968)

Podemos também perceber essa questão da moralidade como um importante patamar da Ditadura, que refletia na sociedade da época com a manchete intitulada “Juiz contra casamento de Homossexuais”, que se encontra no jornal Folha Vespertina, na página 3, fala sobre um juiz de recife que se manifestou contra o casamento entre pessoas do mesmo sexo e disse que além dos impedimentos de ordem legal, havia impedimentos de ordem moral que seria “um ato sem sentido e seria absurdo que essa ideia fosse admitida pois faria surgir uma população totalmente degenerada.”

“Declarando ser inteiramente impossível o casamento entre homossexuais, tanto no âmbito jurídico como no moral o juiz Mauro

Jordão Vasconcelos refutou a ideia de alguns padres holandeses, que aconselham a realização do casamento entre pessoas do mesmo sexo desde que seja respeitada a fidelidade entre os nubentes e que estes tenham realmente vida em comum. E acrescentou: “além dos impedimentos de ordem legal, existem as reprovações morais que tornam impossível a celebração do casamento entre homossexuais, é um ato sem sentido e seria absurdo que esta ideia fosse admitida pois faria surgir uma população inteiramente degenerada.” (Juiz contra casamento de Homossexuais. - **Jornal Folha Vespertina**, 06 de outubro de 1970, p. 3 – Biblioteca Pública Arthur Viana, CENTUR. Belém/PA)

Podemos perceber com essa manchete, que já contém um título chamativo, para ganhar o olhar do leitor, que o jornal dando voz a esse juiz, acaba perpetuando seu discurso repleto de uma repressão linguística clara evidente sobre a homossexualidade. Utilizando palavras como “reprovação moral” e “inteiramente degenerada”, comprovam a aversão do juiz a homossexualidade, e a contribuição do jornal banhado das mesmas ideias por ser um periódico apoiador da Ditadura e acabar transmitindo isso em manchetes com esse tipo de teor.

A próxima manchete, que faz parte da coluna do chacrinha, no jornal A Província do Pará, mantinham-se na mesma posição sobre os homossexuais, não deixando de inferioriza-los em suas reportagens e a feminilidade existente em alguns homens. Como é o caso de Ney Matogrosso, cantor e um artista que ganhava cada vez mais holofotes em cima de si, por sua maneira “incomum” de se vestir e de se portar.

“A esta altura do campeonato vai ver cês já tão (olá, Transbrasil!) por dentro do perereco. No que dá a gente ser forçado a escrevinhar com relativa antecedência. De qualquer forma lá se vai: Saibam que, Ney Matogrosso, o nossa amizade que dá aquelas de segurar bandeja no “Secos e Molhados” né nada do que vocês pensam. Pai de família, dois filhos, sujeito sério, coisa e tal. Ney, que já tem 32 anos é sim, um batalhador. E se faz aquilo tudo é só mesmo para garantir o mingau das crianças. Post-scriptum – Vocês não acham que o cara também não precisava de exagerar no rebolado? (A Província do Pará, Belém, Pará, 23 março, 1974. Coluna do Chacrinha, Caderno 6, p. 5)”

Nesta sexta notícia, localizada na Coluna do Chacrinha, onde se falava dos artistas de uma maneira muitas vezes cômica, podemos notar o quanto o Jornal fazia questão de esclarecer a masculinidade de Ney Matogrosso, artista brasileiro que polemizou na década de 70 por suas roupas extravagantes e postura considerada irreverente para os costumes da sociedade da época. Como afirma Peter Fry (1985), Vivia-se comunitariamente, experimentava-se novas formas de consciência propiciadas pelo uso de drogas e, o que a mais importante para nós aqui, colocava -se em questão

a moral sexual. Outros grupos trilhavam caminhos parecidos, como, por exemplo, os "Secos e Molhados", cuja figura mais expressiva, Ney Matogrosso, continua na mesma linha, ainda que hoje choque menos que antes. Como se vê, as coisas mudam e é interessante observar como o questionamento dos papéis sexuais pode ser transformado em produções artísticas legítimas e amplamente "curtidas", até pelo atual público de Ney, em que parecem predominar respeitáveis vovozinhas e seus netinhos. Enquanto durava o sufoco, pouco mais era possível e a contestação permanecia confinada a pequenos grupos ou a um minúsculo setor social frequentador deste tipo de espetáculo teatral. (FRY, Peter, 1985, p. 20)

O jornal esclarece que Ney tem dois filhos e que só se porta de tal modo para "garantir o mingau das crianças", associam a imagem de Ney a um homem batalhador e condizente com um "sujeito sério". Subentende-se com isso, que se tornava inadmissível aceitar que um artista do porte de Ney, fosse considerado "afeminado", como a homossexualidade era rejeitada pela sociedade, era necessário esclarecer a orientação sexual de Ney, por causa da sua visibilidade, por medo que as pessoas se acostumassem com a ideia e também com o intuito de "defender a honra do artista". No fim da reportagem, eles perguntam se a sociedade também achava que ele deveria exagerar menos no rebolado, de uma forma um tanto irônica, criticando a postura de Ney, dando a entender que um homem de família, de boa postura, não deveria se portar daquele modo, deixando claro mais uma vez a postura intolerante do jornal em relação a qualquer resquício de diferença dos "padrões".

1.2 – "AS BONECAS "IMORAIS": As travestis e a repressão.

Analisando os discursos dos jornais no tocante ao que se refere as travestis, esse item pretende mostrar de que maneira existia uma repressão simbólica as travestis, que eram consideradas homossexuais, mas eram ainda mais reprimidas por serem consideradas "o homossexual que se veste de mulher", anulando suas particularidades. Tendo em vista isso, as travestis estão sendo abordadas em um item diferente da homossexualidade masculina, justamente na tentativa de dar a ela a sua particularidade. Partindo do pressuposto de que mesmo a Ditadura, os meios de comunicação e a sociedade os englobassem no mesmo "sentido", a repressão agiu de maneiras diferentes com os dois grupos identitários.

Rennan Quinalha (2014), na Comissão nacional da verdade, aponta essa repressão sofrida pelas travestis e por outros grupos identitários durante a Ditadura.

"Além da repressão política que se abateu sobre toda a sociedade, a comunidade LGBT foi um alvo privilegiado das violências: perseguição

a travestis expostas ao olhar vigilante da repressão, sobretudo nos pontos de prostituição, onde eram enquadradas nos crimes de vadiagem (por não terem emprego com registro) ou de perturbação da ordem pública; censura à imprensa, ao teatro, às artes e as outras formas de expressão que simbolizavam de forma aberta as sexualidades, muitas vezes com o respaldo do sistema de justiça; homofobia e lesbofobia institucionalizadas nos órgãos de repressão e controle... expurgos de cargos públicos... difusão, pela imprensa, do preconceito contra os 'desvios', para reforçar a ideia de degeneração dos valores morais e o estereótipo do 'inimigo interno' que justificava a repressão e agravava os preconceitos... Isso sem mencionar os casos de homofobia e de machismo, velados ou não, cometidos no interior do próprio campo da resistência à ditadura." (QUINALHA, Renan, 2014)

Como vimos anteriormente, o Ato Institucional nº5, trouxe à tona uma série de mudanças que ocorreriam em nosso País, censuras aumentaram, mais órgãos de repressão foram criados e inaugura-se então os anos que seriam conhecidos como "anos de chumbo" da Ditadura. Priore (2011), fala de como as coisas ficaram mais difíceis com a explosão da Ditadura Civil-Militar, com a censura e a repressão do Ato Institucional nº5. É nesse contexto, pós AI-5, mais precisamente no dia 09 de janeiro de 1971, é quando a censura atinge as travestis.

"Através portaria que deverá ser divulgada nos próximos dias, o Serviço de Censura vai proibir, em todo o território nacional, a exibição de espetáculos de travesti em teatros, cinemas e outras casas de espetáculos. Exceção será feita apenas às buates, face a apresentação de horários tardios. E por serem lugares onde é absolutamente vedada a entrada de menores de 21 anos. (A Província do Pará, Caderno 1, 1971, p. 2)"

A reportagem acima que está localizada logo na segunda página, onde contém assuntos gerais sobre o Brasil, nos mostra como funcionaria essa censura as travestis, podemos notar que a aversão do governo para com elas era grande ao ponto de sua circulação ser proibida em locais públicos. Apesar do jornal se manter "neutro", apenas repassando a notícia, sem qualquer hostilidade, podemos ver como se pretendia que as travestis fossem representadas para a sociedade – mesmo que implicitamente – como imorais, ao ponto de suas apresentações serem proibidas para não ofender a "moralidade" e os "padrões" da sociedade héteronormativa.

A questão das travestis ainda entra em mais evidência na questão da censura do que os homossexuais, apesar de serem classificados pela sociedade da época como sendo uma mesma identidade, a reportagem a seguir nos mostra como elas não

estavam escondidas, como elas estavam procurando seu espaço e resistindo a censura. Logo após a censura, que foi anunciada em janeiro, em fevereiro do mesmo ano começou a organização para o carnaval, contudo, como as travestis estavam proibidas de saírem “montadas” as ruas, nem mesmo a comissão organizadora queria interceder, por medo da polícia.

“Em sessão secreta num lugar ignorado, dezenas de “travestis” de Recife decidiram hoje realizar durante o carnaval o primeiro baile das “Bonecas” contra tudo e contra todos sem ligar a proibição da polícia, segundo explicou um deles. Líder dos “travestis” o comerciante Juracy Pereira reuniu a imprensa para anunciar a decisão e falar mal da Polícia. Disse que tentará realizar o baile através dos meios legais, alugando um clube, mas se for impedido, afirmou: “a festa será clandestina”. Segundo o comerciante, “a nossa classe é muito perseguida”. Medina, “Maise” e Osvaldo da Silva, outros “travesti” que ouviam tudo, balançavam apenas com a cabeça concordando com o seu líder. E o comerciante continuou: “O primeiro golpe que recebemos este ano foi a proibição de nos exibirmos pelas ruas. Imagine que a Dedete gastou 450 cruzeiros com a fantasia e sonhava desfilando na avenida Guararapes e agora não será possível. (A Província do Pará, caderno 2, 1971, p. 1)”

Após a possibilidade de as travestis desfilarem no carnaval, elas ganham voz e contam ao jornal inclusive que eram perseguidas e que sofreram um golpe ao serem censuradas. É até irônico o mesmo jornal que intitulou a homossexualidade como crime contra a natureza, tenha publicado manchetes onde as travestis tem a possibilidade de se defender e de contar sobre suas perseguições. Contudo, o jornal deixa claro que elas querem ir de contra a tudo e todos e ainda dá ênfase que elas não deixaram de falar mal da polícia, mais uma vez, usando palavras sutis, mas que causam a impressão para quem lê que as travestis não passam de “baderneiras”. O título, bastante chamativo e irônico, além de tratarem o termo “travesti” no masculino, deixando evidente que para eles se tratam de homens que só se vestem de mulher.

Após esta reportagem, elas acabaram conseguindo a autorização para o baile mas “desde que fosse em um sítio, longe das áreas onde poderiam viver famílias”. Fica evidente a repressão que as travestis estavam sofrendo, pois ainda a festa sendo permitida, era deveria ser afastada, sempre com o intuito de “proteger a família tradicional brasileira.” Mas este caso também mostra como elas estavam se organizando e lutando por sua visibilidade, não se escondendo atrás da censura. Como fala Peter Fry (1985), sobre as Dzi Croquettes, grupo de teatro nada normativo que se apresentava pelos teatros paulistanos na década de 1970, Numa época em que ao sair

do teatro deparava-se costumeiramente com viaturas da polícia fazendo questão de mostrar seu poderio bélico, apontando canos de metralhadoras pelas janelas, o deboche bem-humorado dos Dzi Croquettes parecia abrir uma brecha para a expressão de alguma forma de não-conformismo. Se não era possível criticar publicamente o regime ou o sistema econômico, questionava-se as bases sagradas da vida cotidiana.

Isso é percebido na organização, em pela Ditadura Militar, do concurso de “Miss Enxuto”, que aconteceu em Fortaleza e este termo teria nascido com o “Baile dos enxutos”, que fazia parte do carnaval carioca mas acabou ganhando maior proporção. Sobre o “Baile dos enxutos”, Fábio Henrique Lopes, diz em seu artigo intitulado “Travestilidades e ditadura civil-militar brasileira.: Apontamentos de uma pesquisa” que não foi apenas um reconhecido evento do carnaval carioca e de concurso de fantasias, funcionou como espaço de sociabilidade, possibilidade de invenção de redes de amizades e de solidariedade, em um momento em que experiências com o corpo, com a produção de um determinado feminino, para além da “inversão de indumentária”, tornara-se recorrente, não só na vida de Lalá, como de outras jovens travestis. Vale lembrar que, de acordo com James Green, nos anos 50 e 60, a palavra travesti significava unicamente um homem vestido com roupa de mulher³³, sem denotar, de fato, uma subversão, esgarçamento ou paródia das identidades, das noções e das regras tradicionais de gênero. (LOPES, Fábio Henrique, p. 57)

A manchete, ganha primeira página do jornal Folha Vespertina, intitulada “Polícia acabou com a escolha de “Miss Enxuto” em Fortaleza. E como falamos anteriormente, tratava-se de um concurso, onde a polícia chegou invadindo pois no local “havia muitos homossexuais”.

“Denúncia de uso de entorpecentes, além de bebidas, levou a polícia a acabar com uma festa que se realizava na casa do mucuripe, onde estava sendo escolhida a miss enxuto, com mais de dez “candidatas”. A festa dos enxutos era realizada anualmente em sigilo, em locais diferentes, sem que a polícia conseguisse acabar com o concurso. Desta vez, porém, foi um corre-corre tremendo com a chegada dos policiais de surpresa, pois no local se concentravam inúmeros homossexuais. E no final do “riffi” 25 “bonecas”, todas vestidas de mulher, foram parar no xadrez.” (Polícia acabou com a escolha de “Miss Enxuto” em Fortaleza. - **Jornal Folha Vespertina**, 31 de julho de 1971, p. 1 – Biblioteca Pública Arthur Viana, CENTUR. Belém/PA)

Como podemos perceber com a manchete acima, embora as travestis estivessem tentando achar mecanismos de conseguir organizar e frequentar seus espaços, havia uma ditadura pronta para punir com prisões se fosse necessário, na tentativa de não manchar a “moralidade” da nação. O jornal dá bastante destaque colocando a manchete em primeira página mas não deixa de usar uma linguagem repressiva e pejorativa no tratar com este grupo identitário.

1.3 – O “Lesbianismo”: da revolução sexual a repressão simbólica.

Na década de 70 com a eclosão da revolução sexual, as mulheres iam ganhando cada vez mais voz. O feminismo crescia no mundo todo e as mulheres também queriam ter o direito de se relacionar com quem quisessem, sendo homens ou mulheres. Deixam de ter aquela imagem de mulher submissa e “do lar” e passam a ganhar as ruas, lutando por seus direitos e pela liberdade de serem o que quiserem.

Segundo Mary Del Priori (2011), com os movimentos pela valorização das minorias que a questão da mulher começou a mudar de forma. A sexualidade deixava de ser considerada algo mágico ou misterioso que escaparia aos progressos técnicos ou à medicina. A pílula foi aceita por homens e mulheres, não só porque era confiável, mas, sobretudo, por ser confortável. As mulheres começavam a ganhar voz, e a ter possibilidade de falar de assuntos que antes não eram falados abertamente. Ainda assim, essa liberdade não era bem quista pelo Regime Militar. O momento em que o Brasil vivia, era uma total contradição as liberdades individuais que vinham ganhando força no mesmo período e não é equívoco dizer que tenha sido por isso as tantas formas de protestos que existiram como maneira de combater a repressão. Eram os anos de “chumbo”, pós Ato Institucional Número 5, que fez com que a censura aos meios de comunicação e a questão da “subversão” fossem tratadas com mais afincamento pela Ditadura.

O Jornal a Província do Pará, publicou no Caderno da Mulher, área destinadas aos assuntos femininos, uma reportagem com um certo destaque, sobre “Lesbianismo”, que não se diferenciou na forma de tratar a questão das outras reportagens que foram mostradas anteriormente. Dizendo que era um problema psicológico e que “talvez” fosse possível obter a cura. O título e o destaque da reportagem mostram o quanto o jornal estava interessado em chamar a atenção do leitor para o assunto. A reportagem começa dizendo que a revolução sexual trouxe uma grande problemática social e psicológica para a sociedade, pois trouxe o aparecimento daqueles vistos como “diferentes”, inclusive da lésbica que eles denominam como sendo a mulher homossexual.

“Pois bem, uma das diferenças fundamentais entre a homossexualidade masculina e a homossexualidade feminina, é que – em geral – o lesbianismo consiste muito mais na manifestação dos “sentimentos amorosos”, do que na realização de verdadeiros atos sexuais. (ROSSI, Ornela. Lesbianismo, a homossexualidade “platônica”. **A Província do Pará**, Belém/PA, 15 out. 1978. Caderno da Mulher, p. 11. – Biblioteca Pública Arthur Viana. CENTUR. Belém/PA.)”

“A homossexualidade feminina (que é, portanto, mais frequente entre solteiras) aumenta com a idade: é assinalada, de fato, num índice de 2-3 por cento entre os 15-20 anos de idade – num índice de 5-8 por cento entre os 20-30 anos de idade – de 10 por cento entre os 30-40 anos de idade. Sucessivamente, tende a diminuir. Na maioria das mulheres a atividade homossexual permanece circunscrita num determinado período de tempo, que – em geral – não ultrapassa 3 anos. (ROSSI, Ornela. Lesbianismo, a homossexualidade “platônica”. **A Província do Pará**, Belém/PA, 15 out. 1978. Caderno da Mulher, p. 11. – Biblioteca Pública Arthur Viana. CENTUR. Belém/PA.)”

“Não se trata de um comportamento inato e sim adquirido. Isso é, uma mulher não nasce lésbica, mas lésbica pode tornar-se no decorrer do seu desenvolvimento psico-sexual. (...) Não se trata de uma verdadeira doença e muito menos de “perversão” ou de um “vício”. É – isso sim – uma variante do comportamento feminino usual. Finalmente, nas mulheres que tem forte motivo para recusá-lo e que desejam integrar-se também socialmente na heterossexualidade, o lesbianismo pode ser eventualmente eliminado, com tratamentos psicológicos e psiquiátricos. (ROSSI, Ornela. Lesbianismo, a homossexualidade “platônica”. **A Província do Pará**, Belém/PA, 15 out. 1978. Caderno da Mulher, p. 11. – Biblioteca Pública Arthur Viana. CENTUR. Belém/PA.)”

Ainda que o jornal diga que não considera uma doença e muito menos uma perversão, ele se contradiz em vários pontos. Primeiramente, dizendo que as relações homossexuais entre os homens se diferem da feminina porque na feminina existe afeto, deixando claro portanto que o jornal acredita que a masculina é algo carnal e superficial, mais uma vez mesmo que de forma implícita demonstrando seu desconforto para com a homossexualidade.

O segundo trecho, diz que a homossexualidade feminina, na maioria dos casos, tende a ser coisa de momento e passageira, dando a entender que esse tipo de “comportamento” não faz parte da maioria das mulheres da sociedade, apresentando mais uma vez a sua aversão à homossexualidade, querendo fazer com que a sociedade e os próprios homossexuais se enxerguem como anormais, por não fazerem parte da maioria e essa opinião fica mais clara ainda no final da matéria, onde sugere-se para as mulheres que querem se “livrar desse mal” e se integrar a “sociedade moralizada”, que procurem tratamento psicológico ou psiquiatra, se contradizendo instantaneamente sobre a homossexualidade não ser “doença”, já que afirmam que para os interessados a mesma pode ter “cura” e ainda falam que existe uma data limite para que ela deixe de ser praticada pela mulher e dizem que esse período é de 3 anos.

A próxima manchete, está localizada também em um caderno destinado as mulheres, do jornal O Liberal, intitulada “Não confundir woman’s lib com gay’s lib”. A

manchete traz críticas a integração das lésbicas ao movimento feminista, dando um exemplo de um filme que se divulgava sendo um filme feminista, mas que trazia duas lésbicas como protagonista, o que causa um claro descontentamento da colunista da reportagem.

“É exatamente esse tipo de divulgação feito pelas agências que desmoraliza o movimento de libertação da mulher. Os menos avisados tendem a confundir o homossexualismo com feminismo. (...) Muitos sociólogos e psicólogos tendem a achar que a mulher é levada ao homossexualismo por neuroses não resolvidas em relação ao homem (os casos realmente patológicos são mais raros do que se pensa.) Além dos problemas familiares já bastante discutidos e vulgarizados, existem o cansaço e o desencanto de experiências libertas vividas heterossexualmente. Desiludidas com seus vários casos amorosos, tentam encontrar o afeto a compreensão e a ternura numa outra mulher. Esse tipo de relação levado às últimas consequências faz com que o fato de se tornarem lésbicas, seja apenas um passo a mais na tentativa de serem aceitas e amadas.” (COELHO, Regina. Não confundir woman’s lib com gay’s lib. **O Liberal**, Belém/PA, 12 de out. de 1973, Caderno da Mulher, p. 3. – Biblioteca Pública Arthur Viana. CENTUR. Belém/PA)

Além de uma moralidade imposta pela ditadura, vemos nessa manchete uma moralidade que recorria até mesmo dentro do movimento feminista e assim como na reportagem anterior, enquadrando a homossexualidade feminina mais uma vez como uma “neurose” e como algo que se torna possível devido as “decepções heterossexuais”. Sobre essa relutância do movimento feminista em acolher as mulheres lésbicas, Peter Fry (1985), fala que no Brasil, como em outros países, as lésbicas encontraram uma forte relutância inicial, mas agora já superada, por parte das feministas, em admitir em suas organizações mulheres que faziam questão de se assumirem publicamente como homossexuais. A orientação sexual das lésbicas não deixava de causar estranheza e até repulsa nas feministas heterossexuais. Isto ocorria apesar de muitas mulheres homossexuais já estarem vivendo suas vidas de acordo com os ideais de autonomia pessoal que, para muitas das feministas, ainda não passava de aspirações a serem realizadas em um futuro não-imediato.

Nota-se que a representação do Jornal sobre a homossexualidade feminina foi bem diferente do que foi retratada no capítulo anterior, sobre a masculina. O discurso do Jornal é bem mais irônico, agressivo e hostil para com o trato da homossexualidade masculina do que com a feminina, embora não podemos descartar as ironias contidas

nas reportagens e a exclusão das lésbicas até dentro do movimento feminista. Contudo, o trato para com o lesbianismo é bem mais brando e mais sutil, mas não deixam de através da sutileza revelar uma repressão simbólica. É importante lembrar que se trata de uma década travada pela Ditadura, e que que as representações contidas no jornal muito se atribuem ao fato de que essas também eram as opiniões propagadas pelo governo. Podemos perceber claramente essa diferença no tratar com as homossexualidades, voltando para a reportagem da censura as travestis, que foram censuradas, proibidas de participar abertamente do carnaval, contribuindo para o que Foucault (1988) fala sobre a moralidade capitalista e cristã, onde a feminilidade do homem não era aceita e muito menos bem vista. Se atrelarmos esse discurso a Ditadura, acaba fazendo total sentido, principalmente pelos discursos da mesma sempre se basearem na moralidade e no respeito para com a família tradicional e fica evidente isso nas reportagens que acabei de citar. Onde homossexuais masculinos e travestis são considerados aberrações, ameaças que não podem conviver com a sociedade e a homossexualidade feminina tida como passageira e mais “amorosa”.

Contudo, fica claro que em nenhum momento foi a intenção do Jornal se posicionar a favor da homossexualidade feminina, embora a primeira reportagem tenha grande destaque no jornal, ocupando duas páginas no caderno da mulher, a intenção era um alerta que trazia “soluções” para algo que eles consideravam um problema, mesmo que no início da reportagem eles simulem que estão oferecendo uma reportagem de cunho informativo do que se tratava a homossexualidade feminina, fica claro na manchete que a opinião do jornal – embora velada com o passar dos anos – continua a mesma, tratando a homossexualidade como anormal e malvista, principalmente quando analisamos a segunda reportagem, onde mesmo que de forma sutil e velada, ainda atrelam a homossexualidade feminina a “anormalidade”.

III. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho, buscou analisar a abordagem do discurso presente nos periódicos paraenses A Província do Pará, Folha Vespertina e O Liberal, através de algumas reportagens sobre a homossexualidade feminina, a homossexualidade masculina e as travestis no período da Ditadura Civil-Militar. Foi realizada uma análise sobre o vocabulário do jornal e de que maneira o mesmo reportava a notícia, trabalhando história e memória, por meio das representações sobre as homossexualidades, fornecidas pelo jornal. Como podemos perceber com o Relatório da Comissão da Verdade, com as fontes teóricas e com as reportagens apresentadas neste trabalho, a homossexualidade não era vista com bons olhos pela Ditadura e o

governo e seus apoiadores, que frequentemente utilizavam de discursos hostis para defini-la. A censura do Regime Militar, compactuando com o conservadorismo da sociedade da época, faziam com que esse pensamento homossexual e das travestis, fosse excluído, mesmo com as tentativas de se viabilizarem por meio de seus grupos de sociabilidade, eram silenciados. Havia apenas um modelo ideal para ser considerado seguido pelos cidadãos e os “ arco-íris” estavam longe de ser esse padrão ideal.

REFERÊNCIAS

CHARTIER, Roger. **“História Intelectual e História das Mentalidades: Uma Dupla Reavaliação.** In: **A História Cultural: Entre Práticas e Representações.** São Paulo: Difel, 2002.

DEL PRIORE, Mary. **Histórias íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil.** São Paulo: Planeta, 2011, 254p.

FERREIRA, Paulo Roberto – **“A Imprensa e o Golpe Militar de 1964”.** Belém, 2007, p. 3. FICO, Carlos. **“A pluralidade da censura das propagandas da ditadura”.** In: REIS, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá (Org.). **O golpe e a ditadura militar: 40 anos depois (1964-2004).** São Paulo: Editora Edusc, 2004.

FOUCAULT, Michael. In: **A História da Sexualidade**, V2. 1ª ed. São Paulo/SP. Graal, 2010.

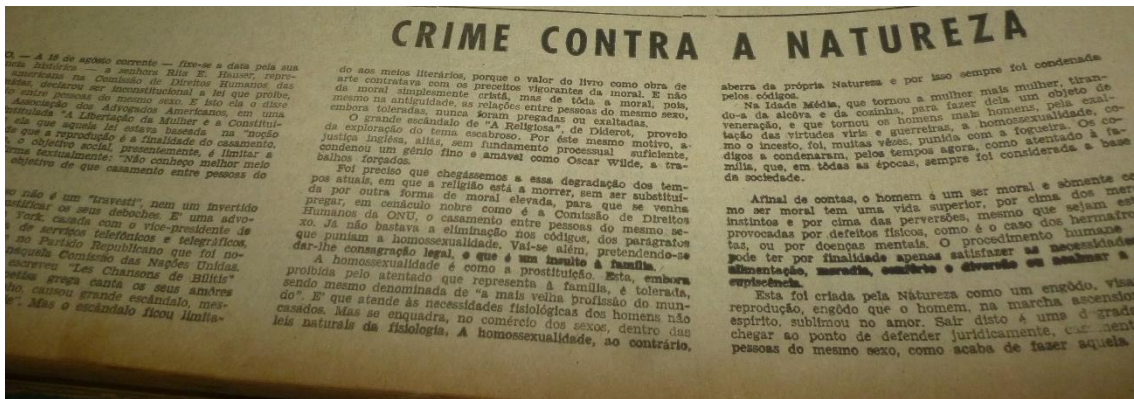
LOPES, Fábio Henrique. – **“Travestilidades e ditadura civil-militar brasileira.: Apontamentos de uma pesquisa.”** In: *Revista Esboços*, Florianópolis, v. 23, n. 35, p. 145-167, set. 2016.

LOURO, Guacira Lopes. – **“O corpo estranho. Ensaio sobre sexualidade e teoria queer”.** Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

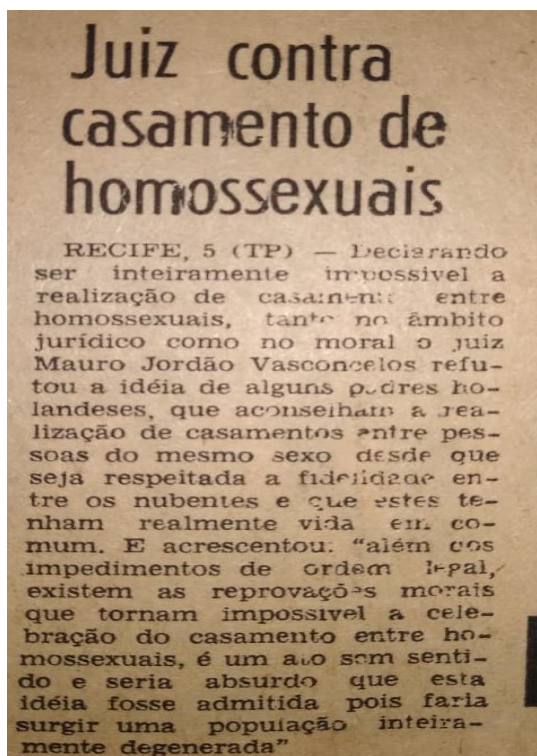
Relatório - Tomo I - Parte II – **“Ditadura e Homossexualidades: Iniciativas da Comissão da Verdade do Estado de São Paulo”** - “Rubens Paiva”.

ANEXOS

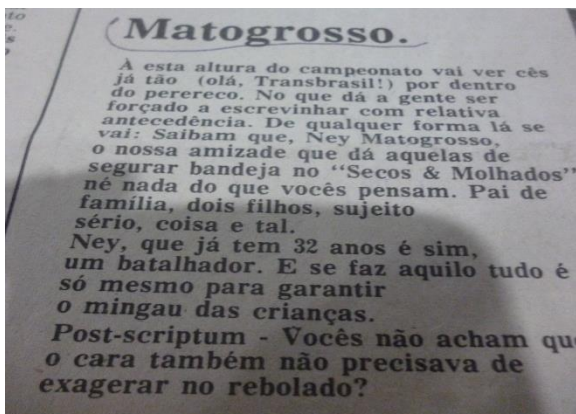
Figuras referentes ao capítulo “A AGRESSÃO SUFOCADA”: A Repressão ao “Arco-Íris”.



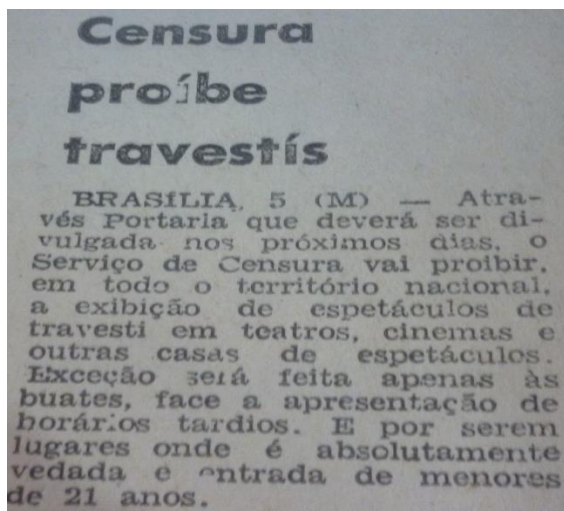
Fonte: Jornal A Província do Pará, 28 de agosto de 1970, p. 5 – Biblioteca Pública Arthur Viana, CENTUR. Belém/PA.



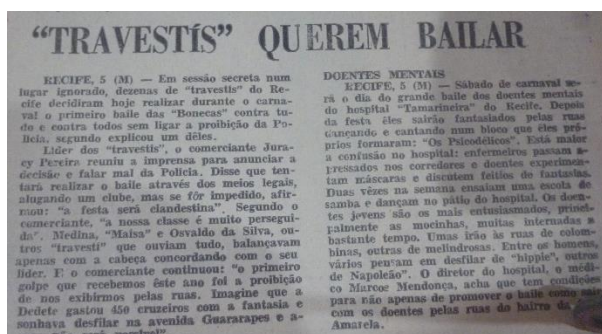
Fonte: Jornal Folha Vespertina, 06 de outubro de 1970, p. 3 – Biblioteca Pública Arthur Viana, CENTUR. Belém/PA



Fonte: Jornal A Província do Pará, 23 de março de 1974, Coluna do Chacrinha, p. 6 – Biblioteca Pública Arthur Viana, CENTUR. Belém/PA.



Fonte: Jornal A Província do Pará, 09 de janeiro de 1971, p. 2 – Biblioteca Pública Arthur Viana, CENTUR. Belém/PA



Fonte: Jornal A Província do Pará, 06 de fevereiro de 1971, p. 1 – Biblioteca Pública Arthur Viana, CENTUR. Belém/PA.



Fonte: Jornal Folha Vespertina, 31 de julho de 1971, p. 1 – Biblioteca Pública Arthur Viana, CENTUR. Belém/PA



Fonte: Jornal A Província do Pará, 15 de outubro de 1978, p. 11 – Biblioteca Pública Arthur Viana. CENTUR. Belém/PA



Fonte: O Liberal, Belém/PA, 12 de out. de 1973, Caderno da Mulher, p. 3. – Biblioteca Pública Arthur Viana. CENTUR. Belém/PA